



O Grande Hino ao Aton e a Expressão da Teologia Amarniana

Autora: Gisela Chapot¹

RESUMO:

Os hinos de louvor ao deus Aton, escritos pelo faraó Akhenaton durante a reforma de Amarna, costumam ser exaltados por sua notável beleza e pela eloquência ao abordar os preceitos atonistas. Tanto o Grande, quanto o Pequeno Hino, são absolutamente explícitos no que concerne à teologia amarniana e constituem-se como a expressão máxima de uma nova visão de mundo introduzida por Akhenaton em 1353 a.C. Pretendemos, neste artigo, a partir de uma análise do Grande Hino ao Aton, segundo seus conteúdos, apresentar os elementos mais emblemáticos de tal cosmovisão, baseada na existência de um cosmos estável, sem a presença do caos, totalmente desprovida de investimento mítico e que negava a existência do mundo inferior de Osíris.

Palavras-chave: Akhenaton- Reforma de Amarna- Grande Hino ao Aton

ABSTRACT:

The Great Hymn to the Aten and the Expression of the Amarnian Theology

The hymns of praise to the god Aten, written by the pharaoh Akhenaten during the Amarna age, usually are exalted for its remarkable beauty and eloquence concerning the Aten's precepts. Both compositions are absolutely explicit regarding the amarnian theology and represent the expression of the new worldview introduced by Akhenaten in 1353 B.C. Based on an analyze of the Great Hymn to the Aten, this paper aims to present the most emblematic elements of the this new worldview, in which the universe was naturally ordained, without the presence of the chaos, devoid of any mythical investment and denials the existence of a "netherworld" of Osiris.

Keywords: Akhenaten- Amarnian reform- Great Hymn to the Aten

¹ Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal Fluminense, orientanda da Professora Doutora Adriene Baron. E-mail para contato: gisachapot@gmail.com



INTRODUÇÃO

A reforma de Amarna (1353 – 1335 a.C.) consolidou-se, nas últimas décadas, como um dos assuntos prediletos entre os egiptólogos e, apesar da curta duração do episódio, pouco menos de vinte anos, seu impacto foi tamanho que se constitui como o evento mais importante da história cultural e religiosa do Egito faraônico (VAN DIJK, 2000, 287).

Durante o referido período, em meio a tantas reformulações ocorridas, sobretudo, nos âmbitos artístico e religioso, a língua egípcia antiga recebeu, igualmente, uma nova roupagem e apresentou características distintas em relação ao momento predecessor. Akhenaton introduziu um novo estilo de expressão textual, no qual era possível observarmos o emprego de elementos informais da linguagem oral, *sob uma gramática que misturava habilmente o vernáculo clássico e o do cotidiano* (ARAÚJO, 2000, 330).

Ao contrário do que se pensou, o faraó não tinha a intenção de popularizar a escrita: o exclusivismo latente em sua reforma tentava tornar a linguagem ainda menos acessível para grande parte da sociedade. Akhenaton encarou as mudanças linguísticas como algo complementar a sua nova visão de mundo, algo que pudesse enaltecer seu papel destacado dentro da religião amarniana, enfatizando a tentativa de divinização do monarca em vida (SILVERMAN, 2001, 153).

Pretendemos, neste artigo, realizar uma análise do Grande Hino ao Aton – uma das fontes que melhor que sistematizam a religião de Akhenaton- para que possamos extrair do mesmo o conteúdo teológico da reforma de Amarna.

Os hinos pertenciam a uma categoria literária onde freqüentemente os deuses eram bajulados, enaltecendo seus atributos mais característicos e seu prestígio dentro do panteão. Aton foi enquadrado nesta premissa, contudo, em tais composições amarnianas, as referências às batalhas ou conflitos foram sobrepujadas pelo excesso de expressões positivas, inclusivas e descrições naturalistas (SILVERMAN, 2002, 103).

O Grande Hino foi descoberto na tumba de Ay em Amarna, alto funcionário que se tornou faraó no fim da décima oitava dinastia, e só possui esta versão do texto. Acredita-se que o próprio Akhenaton seja o autor dos hinos dedicados ao seu pai divino



Aton, fato destacado no começo do Pequeno Hino. Os textos tinham uma função litúrgica e estavam destinados à recitação durante o culto divino.

O deus Aton é designado, em ambas as composições, como: *Ra-Harakhty, que se rejubila no horizonte em seu nome de Shu que está no Aton*, nomenclatura que acompanhou a divindade amarniana até o ano oito de reinado. Tal fato levou Pierre Grandet a sugerir que os hinos foram compostos entre a fundação da cidade de Akhetaten (“Horizonte do Disco Solar”), após o ano cinco e a introdução do segundo nome do Aton, quando da radicalização da reforma, após o ano nove.²

Ambos apresentam como temas predominantes o ciclo diário do Aton e a revelação do disco solar ao seu filho, Akhenaton (GRANDET, 1995, 74). As composições são singulares dentro da literatura egípcia, sobretudo pela linguagem requintada e contemplativa dos versos.

Todavia, é preciso ressaltar que, apesar da inegável beleza dos hinos, a fraseologia contida nos mesmos não era original, nem tampouco uma novidade. Os egiptólogos tendem a considerar, atualmente, o enraizamento da reforma amarniana em um fenômeno teológico do Reino Novo (1550 – 1060 a.C.) denominado Nova Religião Solar. Jan Assmann foi o precursor desta discussão, afirmando que muitos dos conteúdos presentes nos hinos tiveram como base hinos para Amon-Ra, compostos em um período anterior à Amarna, cujos melhores exemplares estão no reinado de Amenhotep III. Nas palavras do autor:

A nova religião solar surgiu como um iconoclasmo cognitivo que rejeitou todo mundo mítico e pictórico do pensamento politeísta. (...) Todos os seus princípios básicos podem ser entendidos como explicações teológicas do fenômeno cósmico, especificamente o sol, sua luz e seu movimento (ASSMANN, 2001, 201).

Os hinos da nova religião solar têm como principal característica não incluir qualquer outro deus no processo de criação do universo, na qual o demiurgo é geralmente uma divindade solar, responsável por toda criação (BAINES, 2000, 229).

² O segundo nome didático, *O Ra vivo, governante do horizonte que se rejubila em seu nome de Ra, o pai que retornou como Aton*, introduzido muito provavelmente no ano nove de reinado, retira da nomenclatura divina os deuses Shu e Harakhty, algo coerente com a proposta religiosa de Akhenaton naquele momento da reforma.



Convém ressaltar que esta inovação teológica deve ser entendida dentro de um contexto politeísta: embora as demais divindades não participem do processo cósmico, ainda faziam parte de um panteão diversificado. Inexistiu qualquer tipo de repressão ou perseguição aos deuses tradicionais, que continuaram, inclusive, a ser mencionados, como no estela de Hor e Suti, melhor exemplar da nova religião solar.

Durante a reforma de Amarna, tal solarização exacerbada da religião egípcia foi radicalizada por Akhenaton. O monarca reformulou o postulado da nova religião solar e a inseriu em um contexto esvaziado de significados mitológicos, promovendo o que Assmann denominou “desmitologização” completa do curso solar e um “heliomorfismo” do conceito divino. (ASSMANN, 2000, 208). Por isso mesmo, a linguagem mítica tradicional desapareceu dos hinos amarnianos e, no seu lugar surgiu uma *fenomenologia expressada em linguagem poética de fundo naturalista* (CARDOSO, 2001, 120).

Vejam os elementos supracitados, articulados com outros aspectos teológicos presentes no Grande Hino, formam o que concebemos como uma nova visão de mundo, distinta da cosmovisão tradicional, introduzida pelo faraó Akhenaton durante o período amarniano. Para tal, seccionamos o Grande Hino ao Aton em oito partes e o analisamos segundo um critério temático. A tradução dos hinos foi feita pelo professor Ciro Flamarion Cardoso.

PARTE 1: TÍTULO

Adoração de “Ele vive - Ra-Harakhty que se alegra no horizonte” “em seu nome de Shu que está no Aton” – que ele viva eternamente e para sempre!–, o grande Aton vivo que está em jubileu [festival sed], senhor de tudo o que abarca o disco solar, senhor do céu, senhor da terra, senhor do Domínio do Aton em Akhetaton, (pelo) Rei do Alto e Baixo Egito, que vive por meio de Maat, o Senhor das Duas Terras, Neferkheperura Uaenra, o filho de Ra que vive por meio de Maat, o Senhor das Coroas, Akhenaton, cujo tempo de vida é longo (lit. grande em seu tempo de vida), (e pela) Grande Esposa Real, amada por ele (lit. dele), a Senhora das Duas Terras, Neferneferuaton Nefertiti– que ela viva, tenha saúde e permaneça jovem eternamente e para sempre!

Logo no princípio do hino, em seu título ou proêmio, encontramos alguns elementos significativos a respeito da religião amarniana. O texto começa louvando uma divindade específica, cujo nome “Ra-Harakhty que se alegra no horizonte em seu nome



de Shu (Luz) que está no Aton”, constitui o que os egiptólogos denominam *primeiro nome didático* de Aton.

A nomenclatura divina aqui é bastante esclarecedora, pois, tais como os epítetos e nomes de trono dos faraós indicavam seus planos de governo, durante a reforma, os nomes didáticos do Aton apresentavam um caráter dogmático e revelavam facetas acerca da natureza do deus. Ra-Harakhty, deus solar no seu zênite, representado por um homem com cabeça de falcão, manifestava-se na forma do disco solar, Aton.

A luz aqui está intimamente associada ao deus Shu, neste caso, a luz do sol que atravessa a atmosfera e que compunha com a deusa Tefnut o casal primordial que diversificou a criação, de acordo com o mito cosmogônico oriundo de Heliópolis, centro de veneração ao sol no Baixo Egito. Notemos, na forma hieroglífica do primeiro nome didático, duas particularidades:



dw3 (nh(.f) r-hr-hty h-y m ht) | (m rn.f m šw nty m itn)|

1- O nome do deus de Akhenaton está envolto em *cartouches*, símbolos de eternidade, elementos apotropaicos para realeza e envolviam apenas os nomes de trono e pessoal do monarca.

2- O nome divino é acompanhado de um epíteto, igualmente reservado ao governante: “que ele viva, eternamente e para sempre”.

Observamos, portanto, que o deus amarniano é apresentado com atributos de um governante, com paramentos e adornos antes restritos aos faraós, o que deixa clara a intenção de Akhenaton em equiparar deus e rei em um patamar quase idêntico de veneração.

A passagem seguinte ao epíteto corrobora tal ideia: “ó grande Aton vivo que está em seu jubileu [festival sed].” O jubileu real, *heb sed*, era uma cerimônia antiquíssima de renovação e regeneração do poder monárquico e, tradicionalmente, ocorria no trigésimo ano de reinado, embora existam exceções (GOHARY, 1992, 3).



Posteriormente, a festividade repetia-se a cada três anos, em média. Embora esta celebração fosse realizada quase sempre a cada 30 anos, era preciso legitimar o novo deus já no começo do reinado de Akhenaton.

Ao que tudo indica esta cerimônia de renovação não pretendia revigorar apenas as forças de Amenhotep IV, mas, sobretudo, fortalecer a posição do Aton como nova divindade dinástica no Egito. Em suma: o festival *Sed* foi realizado para o rei e para sua divindade, simultaneamente (ALDRED, 1988, 266).

No que concerne à teologia dinástica, o período amarniano apresenta elementos que estão alinhados com tendências notáveis ao longo do Reino Novo. Ciro Cardoso observou que, além de superexaltar Amon-Ra como deus estatal e identificarem-se com ele, os monarcas da décima oitava dinastia tentaram promover sua divinização e culto em vida como um “grande deus”, status adquirido somente após a morte e superior ao de “deus perfeito”, o qual o faraó era tradicionalmente associado (CARDOSO, 2011, 12).

Ao instituir o Aton como deus dinástico, com atributos régios e de quem era filho e imagem terrena, Akhenaton encontrou uma forma de mesclar as tendências supracitadas a seu favor. Por conseguinte, a ênfase na figura real foi tanta, que ele próprio tornou-se um deus, ao menos a versão terrena da divindade, um corregente passível de receber veneração de seus súditos em uma nova religião repleta de lacunas e exageros, quando comparada com a tradicional.

No que diz respeito à titulação real, Akhenaton aparece como “que vive por meio de Maat”. No contexto amarnino, pode-se afirmar que este conceito sócio-religioso - que tradicionalmente abarcava noções de ordem, justiça, harmonia, equilíbrio, verdade - Maat, foi esvaziada de seus múltiplos significados e reduzida a este último aspecto (ASSMANN, 1989, 67). Tal verdade estava relacionada à lealdade dos súditos de Akhenaton, os quais deveriam seguir os ensinamentos do faraó e acatá-los, caso almejassem receber a benevolência divina em vida, bem como compartilhar da refeição de Aton após a morte.

Akhenaton é designado no hino por seu nome de trono, que o acompanhou durante toda a reforma, Neferkheperura, cujo significado – “Perfeitas são as transformações de Ra” – louva a divindade solar heliopolitana, Ra. Junto ao prenome,



dentro do mesmo *cartouche*, “Uaenra”, que significa “único de Ra”, enfatizando a procedência exclusivamente solar de Akhenaton, negando o lado ctônico que o legitimava como “Hórus Vivo”, filho do rei morto, Osíris, algo que nos parece estar em consonância com a exacerbação das ideias da nova religião solar por Akhenaton (CARDOSO, 2011, 6).

O nome pessoal do governante aparece devidamente reformulado no Grande Hino. Embora tenha subido ao trono como Amenhotep (Amon está contente ou satisfeito), denominação que foi mantida até a mudança para a cidade de Akhetaten (conhecida hoje por Tell El Amarna), o faraó perpetrou um gesto sem precedentes na história faraônica: alterou completamente seu nome de nascimento e tornou-se Akhenaton “Aquele que é útil ao Disco Solar”, escolha claramente fundamentada em seus novos preceitos religiosos.

Logo, a mudança do nome de nascimento assinala um ponto importante da reforma: a negação a Amon, cujo nome foi sistematicamente apagado dos monumentos e inscrições, tal qual sua consorte, Mut, perseguidos no âmbito estatal.

O rei é acompanhado no próêmio por sua rainha, Nefertíti, intitulada como “Grande Esposa Real, amada por ele, a Senhora das Duas Terras, Neferneferuaton Nefertíti” seguido pelo epíteto: “que ela viva, tenha saúde e permaneça jovem eternamente e para sempre!”.

Ao longo da décima oitava dinastia as mulheres da família real tiveram papel destacado, tanto no âmbito político, quanto ritual. Em Amarna esta tendência foi exacerbada na figura de Nefertíti, que possuía, inclusive, um templo próprio em Karnak, o Castelo do Benben, onde foi retratada oficiando diante do deus, sem a presença de Akhenaton.

Deste modo, o realce dado à rainha no próêmio do Grande Hino tem um forte apelo teológico. Nos primeiros anos de reinado, Akhenaton e Nefertíti associaram-se ao casal Shu e Tefnut, deuses nascidos do demiurgo solar, Atum-Ra, segundo a supracitada cosmogonia de Heliópolis e representavam dois aspectos da androginia de Atum-Ra, potencialmente masculino e feminino. Segundo a visão de mundo amarniana, o deus Aton, demiurgo criador, desprovido de consorte, também possuía elementos femininos e masculinos e, por isso mesmo, sua androginia refletia-se naqueles criados por ele,



Akhenaton e Nefertíti, consubstanciais com o criador, concebidos como hipóstases solares (CARDOSO, 2012, 68).

Em Amarna observamos a construção de uma nova tríade de deuses primevos, composta por Aton, Akhenaton e Nefertiti, análoga a tríade heliopolitana - Atum, Shu e Tefnut – e cuja mencionada androginia foi a marca registrada das representações do casal real nos anos iniciais da reforma (ARNOLD, 1996, 99).

PARTE 2: ATON EM SEU MOVIMENTO DIÁRIO

“(Quando) te levantas, belo, no horizonte do céu, ó Aton vivo, aquele que deu início à vida, (quando) brilhas no horizonte oriental, tu enches todas as terras com a tua perfeição. Tu és belo, grande, refulgente, elevado (lit. alto) acima de todas as terras. Teus raios cingem as terras até o limite de tudo o que tu criaste. Em tua qualidade de Sol, tu atinges (lit. trazes) os seus confins e os submetes ao filho amado por ti (lit. de ti). (Embora) estejas longe, teus raios chegam à (lit. estão sobre a) terra e acariciam (?) todas as faces (dos humanos).

Esta passagem é iniciada com a exaltação da beleza do Aton e de todos os seus atributos como demiurgo criador do universo - “aquele que deu início à vida”. Há uma ênfase na potência da energia solar e, mesmo distante da humanidade, o brilho do Aton está na terra em forma de raios “(embora) estejas longe, teus raios chegam à terra.”

A luz configurou-se como um elemento teologicamente imprescindível para religião de Akhenaton. Era através desta luminosidade que sua divindade se manifestava e não por meio de mitos ou genealogias. O conceito pictórico do deus de Amarna, uma esfera luminosa dotada de raios que terminam em mãos, deriva do hieróglifo que significa “luz” e não sol. Aton era concebido não apenas como o deus solar, mas como um deus de luz (ASSMANN, 2001, 210).

Na passagem seguinte, o disco solar é comparado com Ra no seu curso diário, legitimando o faraó Akhenaton como seu filho: “Em tua qualidade de Sol, tu atinges (lit. trazes) os seus confins e os submetes ao filho amado por ti (lit. de ti).”



PARTE 3: A NOITE DESORDENADA

Ninguém conhece o teu paradeiro (quando) descansas no horizonte ocidental. A terra está (então) nas trevas, à maneira da morte. Dorme-se no(s) quarto(s), as cabeças cobertas, um olho não pode ver o outro (lit. o seu igual), todos os bens das pessoas (lit. deles) podem ser roubados, (mesmo se) estiverem debaixo de suas cabeças, sem que elas percebam. Todas as feras (lit. todos os leões) saem de seus covis, todos os répteis picam (na) escuridão (desprovida de) luz! (?) A terra está em silêncio, (pois) aquele que criou os seres (lit. eles) repousa no seu horizonte.

Este trecho do hino explicita o quão desconhecido era o paradeiro do Aton quando este se punha no horizonte. A ausência do disco solar refulgente era algo semelhante a morte. A noite, então, aparece com algo caótico na teologia amarniana, elemento de perturbação e desorganização - “Dorme-se no(s) quarto(s), as cabeças cobertas, um olho não pode ver o outro (lit. o seu igual), todos os bens das pessoas (lit. deles) podem ser roubados...”

O dia positivo, benéfico, a noite, carente de luz solar, era negativa e temida. Animais perversos e bestas terríveis acoçam a humanidade causando pavor durante as doze horas de omissão do Aton “Todas as feras (lit. todos os leões) saem de seus covis, todos os répteis picam (na) escuridão (desprovida de) luz!” - “A terra está em silêncio, (pois) aquele que criou os seres (lit. eles) repousa no seu horizonte.”

Ao longo do Reino Novo, a ideia de que deus solar viajava por cada hora noturna com sua barca celestial, vencendo diariamente os inimigos do Sol, iluminando os mortos e os vivificando foi, definitivamente, consolidada. Na décima segunda hora da noite ocorria uma conjunção Ra-Osiris, cujo objetivo principal era revigorar o poder de ambas as divindades (CARDOSO, 2011, 6).

Em Amarna, tal conjunção passageira desaparece e não há associação entre as divindades, pois o mundo inferior de Osiris foi drasticamente reduzido e desmistificado. Como o destino do Aton durante a noite era incógnito, o morto era um mero adormecido que aguardava o retorno do disco solar a cada nova aurora para partilhar das refeições dispostas nas inúmeras mesas de oferendas no Grande Templo do Aton em Akhetaten. (HORNUNG, 1999, 102).



PARTE 4: O DIA BENFAZEJO

(Quando) vem a aurora e te levantas no horizonte, tu brilhas em tua qualidade de disco solar durante o dia, dispersas as trevas e ofereces os teus raios. As duas terras estão em festa, iluminadas (durante o) dia. (Nelas, os humanos) estão despertados, alçados sobre seus pés (lit. os dois pés), (pois) tu fizeste com que se levantassem. Tendo purificado os seus membros, eles tratam de vestir-se. Os seus braços (lit. os seus dois braços) (erguem-se) em saudação a teu nascimento (lit. elevação). (Na) terra inteira (lit. até o seu limite), as pessoas (lit. eles) se dedicam (lit. fazem) ao seu trabalho. Todo o gado está contente em suas pastagens. As árvores e ervas vicejam. As aves saem voando de seu ninho; movem suas asas em adoração a teu ka. Todos os animais de pequeno porte dançam sobre as patas e todos os animais voadores vivem (porque) brilhas para eles. Os barcos sobem e descem o rio igualmente. Todos os caminhos se abrem quando te levantas. Os peixes, acima do rio, saltam em direção à tua face.

Um novo amanhecer marca o regresso do disco solar reluzente. O vigor da sua luminosidade tem o poder de afastar os elementos caóticos noturnos escondidos na escuridão “dispersas as trevas e ofereces os teus raios.” O Aton ressurge para dar vida a humanidade, que o venera em gratidão por sua benevolência “Os seus braços (lit. os seus dois braços) (erguem-se) em saudação a teu nascimento (lit. elevação).” A ordem e a felicidade são restabelecidas em todo Egito. “As duas terras estão em festa, iluminadas (durante o) dia.”

O hino retorna, de forma cíclica, ao dia benfazejo. Notamos a idéia da criação como algo permanente, renovada todas as vezes que o sol raiava no horizonte oriental pela manhã, característica presente nos hinos da nova religião solar. Para James Allen, a criação do universo em si não é o foco da concepção amarniana de mundo, mas sua recriação diária. O imediatismo é um dos elementos notáveis desta cosmovisão (ALLEN, 1996, 4).

Tradicionalmente os egípcios concebiam uma divisão “oficial” do cosmos composto por deuses, por reis, pelos mortos bem aventurados e pela humanidade. Seres inanimados, animais, até povos estrangeiros não figuravam nesse esquema, cujos membros estavam unidos por suas obrigações morais: todos deveriam cumprir seu papel para repelir *isefet*, a tendência natural ao caos, e manter a ordem universal; tanto cósmica quanto social, constantemente salvaguardada (BAINES, 2002, 158).



Em Amarna, como observamos nesta passagem do Grande Hino, tal universo moral amplia-se a ponto de incluir animais, plantas e seres inanimados “Todo o gado está contente em suas pastagens. As árvores e ervas vicejam. As aves saem voando de seu *ninho...*” – “Todos os animais de pequeno porte dançam sobre as patas e todos os animais voadores vivem (porque) brilhas para eles.”

PARTE 5: ATON COMO MANTENEDOR DE HOMENS E ANIMAIS

Os teus raios penetram o interior do mar. Eles suscitam os embriões nas mulheres e o sêmen nos varões; fazem viver o filho no ventre de sua mãe, acalmado-o para que não chore –(como) uma ama de leite no útero que dá o sopro para fazer viver tudo o que ele quiser criar. Quando ele sai do ventre para respirar (?), no dia de seu nascimento, tu abres completamente a sua boca e lhe proporcionas o que é necessário. Quando o filhote de passarinho está (ainda) no ovo, piando (lit. falando) no interior da casca (lit. pedra), tu lhe dás o alento lá dentro para fazê-lo viver. Tu o criaste em sua completude, para quebrar (a casca enquanto está ainda) no ovo e (para que assim) saia do ovo, para piar, (lit. falar) ao estar completo; ele (então) caminha sobre suas patas (lit. suas duas pernas), (desde que) sai de lá (lit. dele i.e. do ovo).

Novamente os raios solares são enaltecidos por seus poderes revigorantes capazes de sustentar todo universo e diversificá-lo. Desde os embriões nas mulheres, passando pelo sêmen nos homens até um animalzinho que está dentro do ovo: todos são agraciados pelo deus solar. Cabia ao Aton e somente a ele prover todos aqueles que criou, através de seus raios vivificantes, indispensáveis para manter a vida de homens e animais, igualmente.

É interessante notar que o disco solar deu vida ao cosmos, mas não demonstra qualquer tipo de compaixão por sua criação e isto revela certo descomprometimento para com a humanidade (REDFORD, 1894, 178). Nesta passagem, há uma ideia de equiparação entre os seres abarcados pelo disco solar. A humanidade não parece ter regalias diante dos demais seres vivos.



PARTE 6: ATON COMO UM DEUS UNIVERSAL

Inumeráveis são as tuas obras (elas, aquilo que fizeste), (mas) ocultas à vista (lit. ao rosto), ó deus único sem igual (lit. inexistente outro teu igual)! Tu criaste a terra segundo tua resolução (quando) existias sozinho, (assim) como os humanos, todos os animais maiores e menores, todos os que vivem sobre a terra e caminham sobre patas, os que estão no alto e voam com suas asas, as terras estrangeiras da Síria e de Kush, e a terra do Egito. Tu colocas cada homem em seu lugar (apropriado) e crias o que lhe é necessário: cada um dispõe de seu alimento e o seu tempo de vida está exatamente calculado; as (suas) línguas são diferentes, (pois) distingues os povos estrangeiros. Tu crias a cheia do Nilo no mundo inferior: tu a trazes, segundo desejas, com a finalidade de fazer viver as pessoas comuns (do Egito) do modo que as criaste para ti, o seu Senhor absoluto, que te fatigas em seu benefício, ó senhor de todas as terras, que alvoreces em seu benefício, ó Aton do dia, grande em majestade! (Quanto a) todos os países estrangeiros distantes, tu fazes com que vivam, (pois) estabeleces uma inundação no céu (que) caía para eles, criando ondas sobre as colinas como (as do) mar para irrigar os seus campos em seu distrito. Quão eficazes são (lit. são eles) os teus desígnios, ó Senhor da eternidade! A inundação celeste existe para os habitantes e os animais de todos dos países estrangeiros, que caminham sobre as patas. A inundação do Nilo vem do mundo inferior para o Egito.

Glorificação dos feitos do Aton - “inumeráveis são tuas obras”- que confeccionou o universo sem o auxílio de qualquer outro ser e conforme sua vontade, pois era dotado de grande beneficência e universalidade. –“Tu criaste a terra segundo tua resolução (quando) existias sozinho”

Há uma ênfase, no Aton como demiurgo solitário, reinando absoluto em um cosmos *desmitologizado* “ó deus único sem igual (lit. inexistente outro teu igual)!” A inexistência de outras divindades obrigatoriamente tornava Aton positivo, pois sua unicidade excluía qualquer possibilidade de comparação com outro ser supremo.

O universalismo supracitado incluí, nesta passagem, os estrangeiros, tradicionalmente encarados como agentes caóticos. Em Amarna, notamos um conceito de cosmos ampliado que pudesse abarcar todas as terras as quais o disco solar circundava e isto compreendia regiões fora do Egito – “... as terras estrangeiras da Síria e de Kush, e a terra do Egito.” Neste caso específico, o universalismo do deus amarniano está relacionado com o sentimento cosmopolita que vivia o país em sua fase imperial e na franca expansão dos seus horizontes políticos (ASSMANN, 2001, 205).

O Aton vivo é encarado como um deus universal e imperial, que nutre e protege os povos estrangeiros expandindo, desta maneira, não apenas o universo moral de que



se falou, mas também a benevolência divina. Todos passam a ser criaturas de deus, egípcios ou não. “Tu crias a cheia do Nilo no mundo inferior: tu a trazes, segundo desejas, com a finalidade de fazer viver as pessoas comuns (do Egito) do modo que as criaste para ti...” Há, inclusive, uma ênfase na provisão dos povos estrangeiros: “(Quanto a) todos os países estrangeiros distantes, tu fazes com que vivam, (pois) estabeleces uma inundação no céu (que) caia para eles...”

O grande hino segue louvando a diversidade das criaturas, as muitas formas de vida, os vários povos e línguas da humanidade “... as (suas) línguas são diferentes, (pois) distingues os povos estrangeiros.”

Embora faça menção ao mundo inferior, a Duat, esta aparece na composição completamente *desmitologizada* e sem a presença de Osíris, seu regente habitual. Ainda na fase inicial do seu reinado em Tebas, já era possível perceber a ínfima atenção que Akhenaton dispensou para com as divindades ligadas ao âmbito funerário. A ênfase exacerbada nos aspectos solares praticamente empurrava os deuses ctônicos para fora do panteão.

A eliminação de Osíris acarretou outras implicações dentro da nova religião. A temporalidade *djet*, que dependia de Osíris para existir, perdeu a seu fundamento e determinou que a temporalidade amarniana fosse restrita a do mundo visível. O âmbito transcendente (que incluía os mundos divino e mortuário) do universo sucumbiu e deixou de fazer parte da nova visão de mundo amarniana (CARDOSO, 2011, 7).³

Por isso mesmo, a vida do morto era na terra, nesta dimensão. Não houve a produção das composições funerárias (Livro dos Mortos, Livros do Mundo Inferior), pois a versão *post mortem* oferecida por Akhenaton realizar-se-ia nos templos e palácios de Amarna. Para ter acesso a este “mundo” o fiel só precisava ser leal aos ensinamentos do faraó Akhenaton enquanto estivesse vivo. A proximidade do súdito junto ao seu governante por era o ideal a ser atingido, segundo a ótica amarniana.

³ As temporalidades *neheh* e *djet* abarcavam dois conceitos distintos de eternidades. A primeira ligava-se a Ra e estava voltada para aspectos cíclicos do mundo (dia e noite, estações do ano). A segunda expressava a ideia de uma duração contínua. Era atemporal, imutável e vinculava-se ao deus Osíris.



PARTE 7: ATON COMO DEMIURGO SOLITÁRIO E DISTANTE

Os teus raios alimentam todos os campos: (quando) tu brilhas, eles vivem e prosperam para ti. Tu produzes as estações do ano para fazer viver todas as criaturas que criaste (lit. cada [coisa] que fizeste): o inverno (peret) para que se refresquem, o verão (para que) te apreciem (lit. saboreiem). Fizeste o céu longínquo para brilhares nele, contemplando tudo o que criaste. Tu és único, resplandecente em tua forma de Aton vivo que te ergues e brilhas, (ao mesmo tempo) longínquo e próximo. Tu produzes milhões de formas que estão em ti, que és único: cidades, povoados, campos e a rota do rio. Todos os olhos te encontram quando contemplam diretamente, (pois) tu és o Aton do dia e estás acima da terra. Tu te puseste em movimento para que todos os olhos pudessem existir; tu conformas os seus rostos até impedires (?) que vejam a ti mesmo, (ó deus) único que criaste!

A luz do Aton tem o poder de criar e doar vida. As estações do ano surgem como criações do deus. O disco solar, mais uma vez, aparece como deus único, demiurgo solitário e reluzente – “(ó deus) único que criaste!” “Tu és único, resplandecente em tua forma de Aton vivo...”

Notemos que, quando o hino afirma que o Aton está “(ao mesmo tempo) longínquo e próximo”, isso significa que o disco solar, simultaneamente está no céu, onde desempenha seu curso sozinho, e está na terra, próximo a sua criação através de seus raios “Fizeste o céu longínquo para brilhares nele, contemplando tudo o que criaste.”

Como a temporalidade *djet* foi omitida em Amarna, quando o Aton brilha no céu, o faz na dimensão habitada por sua criação – “(pois) tu és o Aton do dia e estás acima da terra.”

A movimentação do Aton pelo céu é o trabalho que o deus cumpre para dar vida a todas as formas existentes – “Tu te puseste em movimento para que todos os olhos pudessem existir...”

A recorrência de expressões que enfatizam a unicidade do deus Aton, presentes no Grande Hino, associada à obliteração do plural deuses (em egípcio *ntrw*) de monumentos e inscrições, após o ano nove da reforma, configuraram-se como importantes elementos de sustentação da tese que defende a implantação de um monoteísmo por Akhenaton. Todavia, a tendência atual na Egiptologia aponta para uma



possibilidade monolátrica exacerbada, ou seja, dentro de um contexto politeísta não negado, houve a concentração religiosa no deus Aton.⁴

Sobre a mencionada obliteração do plural “deuses”, o material que restou é deveras escasso, o que nos impede de afirmar em definitivo quais eram de fato as intenções do monarca ao tomar uma atitude tão extremada durante a reforma. Ciro Cardoso coloca-se contra tal possibilidade monoteísta, pois para o autor, o fato do faraó ter exaltado ao extremo sua própria divindade constituiu um caso de dualidade divina, uma espécie de bilatria celeste e terrena, representada por Aton e Akhenaton, opinião que nos parece a mais adequada para explicar o caso amarniano.

PARTE 8: EXCLUSIVIDADE DO REI PARA COM O ATON

Tu estás em meu coração e não há um outro que te conheça, com exceção de teu filho Neferkheperura Uaenra: tu fizeste com que ele esteja instruído em teus desígnios e em teu poder. A terra vem à existência por agência tua, já que crias as pessoas (lit. elas). Quando te levantas elas vivem; quando repousas, elas morrem. Tu é que és o tempo de vida em ti mesmo: vive-se por meio de ti. Os olhos estão (fixados) em tua perfeição até que te deitas. Todos os trabalhos são interrompidos quando repousas no Oeste (lit. à mão direita). Ao te levatares, <tu> tornas firmes <os braços> (?) para o rei. Todos os que caminham de pé, desde que fundaste a terra, tu os entregas ao teu filho, saído de ti mesmo (lit. de teu corpo), o Rei do Alto e Baixo Egito, que vive por meio de Maat, o Senhor das Duas Terras Neferkheperura Uaenra, o Filho de Ra, que vive por meio de Maat, o Senhor das Coroas, Akhenaton, grande em seu tempo de vida, e a Grande Esposa Real, amada por ele (lit. dele), a Senhora das Duas Terras, Neferneferuaton Nefertiti, que ela viva e permaneça jovem eternamente e para sempre!”

A passagem acima é particularmente importante para teologia de Amarna. Embora esteja presente no coração de seus súditos, quem realmente conhece os ensinamentos do Aton é seu filho único, aquele que é útil ao Disco Solar, Akhenaton “e não há um outro que te conheça, com exceção de teu filho Neferkheperura Uaenra: tu fizeste com que ele esteja instruído em teus desígnios e em teu poder.”

Aton era um deus intangível, impessoal, longínquo, portanto, os indivíduos não tinham acesso ao mesmo. Apenas Akhenaton mantinha contato direto com o deus, seu pai celestial, fato que necessariamente levava à veneração do monarca para que este

⁴ O embate monoteísmo *versus* monolatria durante a reforma amarniana é um tema bastante controverso na Egíptologia. Procuramos apresentar algumas ideias gerais, sem, contudo, aprofundar a discussão.



pudesse interceder pela humanidade junto ao âmbito divino. O demiurgo criador solitário que era Aton enchia o mundo com toda a potência de sua luminosidade, mas o alento da vida só era concedido ao faraó.

A exclusividade excessiva fazia de Aton objeto de adoração unicamente da família real, que passou a ser retratada em cenas bastante informais as quais procuravam exaltar a relação afetiva entre Akhenaton, Nefertíti, e as seis filhas do casal. Nas representações da família real, as obrigações régias foram substituídas pela função paternal de Akhenaton, representado muito à vontade, beijando, brincando ou acariciando suas descendentes e até lamentando a perda de sua segunda filha, Mekataton. Este tipo de emoção não era típico nem tampouco perdurou na arte egípcia após a morte do faraó.

O objetivo dessas imagens era *antropomorfizar* o poder supremo, já que a divindade mesma era concebida como uma forma geométrica e abstrata, desprovida de qualquer identificação com o panteão tradicional (SILVERMAN, 2000, 105).

Os únicos vestígios antropomórficos do Aton eram as mãos que, além de apossarem vorazmente das oferendas, afagavam e abençoavam o casal real, Akhenaton e Nefertíti, tornando a relação entre estes mais próxima e familiar (REDFORD, 1976, 56).

Deste modo, a ausência de investimento mítico da nova religião foi preenchida como assuntos referentes à família real, suas histórias, seus dramas e alegrias, estampados nas paredes dos templos, tumbas de particulares, exterior de edifícios públicos e altares domésticos de Akhetaten.

Ao contrário da religião tradicional, na qual as estátuas dos deuses desempenhavam uma função crucial durante o culto divino - servindo de receptáculo para abrigar uma parcela da divindade - em Amarna as mesmas foram rejeitadas, não eram fabricadas. Aton só poderia ser representado em relevos bidimensionais, pois *nenhum artesão conhece suas formas* (MURNANE, 1995, 76).

De acordo com a nova concepção de mundo, era o casal real, Akhenaton e Nefertíti que exercia tal função e cuja existência *tornou-se prova tangível da existência divina* (VERGNIUEX e GONDRAN, 1997, 191).



Para Assmann, a piedade individual, fenômeno crescente ao longo do Reino Novo, sofreu um intenso baque durante a reforma, pois as pessoas foram impedidas de interagir com o deus Aton diretamente. Em Amarna, segundo o autor, a piedade foi deslocada para a relação entre o deus e o rei, pai e filho, por um lado e, por outro, a relação entre Akhenaton e seus súditos (ASSMANN, 2001, 216). Na prática, a cultura material vem demonstrando que as pessoas mantiveram seu canal direto com os deuses, incluindo o próprio Aton e o obliterado Amon.

Assmann, todavia, observou uma alteração importante no que concerne à relação deus-rei-humanidade: o deus surgia nos céus para dotar as criaturas com luz e vida, mas isto era feito para seu filho, único que conhecia plenamente seus desígnios “Ao te levatares, <tu> tornas firmes <os braços> (?) para o rei.”

A humanidade tornou-se totalmente dependente do Aton. Como fonte única da vida, sua luminosidade é indispensável para sobrevivência “Quando te levantas elas vivem; quando repousas, elas morrem”, “vive-se por meio de ti.”

Akhenaton, imagem terrena do Aton, é encarado como uma hipóstase do criador “tu os entregas ao teu filho, saído de ti mesmo (lit. de teu corpo), o Rei do Alto e Baixo Egito...” Este fato reforça o caráter teórico do monarca como único intermediário possível entre a humanidade e o Aton, acentuado ao extremo durante a reforma de Amarna.

CONCLUSÃO

A partir do que foi apresentado, concluímos que o período amarniano foi palco para atuação de uma concepção de mundo distinta da tradicional, baseada na existência de um cosmos instável, onde todos os seres envolvidos tinham como único objetivo vencer o caos diariamente e manter a ordenação universal intacta. Tal “drama cósmico” foi substituído por uma nova visão de mundo desprovida de elementos míticos e sem a presença das forças as antagônicas não criadas, que ameaçavam constantemente o Egito.

O Grande Hino não faz referência às crenças tradicionais e o deus criador, que se recria diariamente, aparece como um ser de imensa benevolência, dentro de uma ordem universal extremamente otimista e abrangente, ao contrário do habitual pessimismo que dominava as concepções religiosas do Egito. O disco solar, demiurgo criador do



universo, reinava solitário e distante no que antes havia sido um rico e povoado panteão politeísta.

Os fortes contrastes destacados na religião tradicional, bem e mal, vida e morte, positivo e negativo, simplesmente desapareceram na concepção de mundo amarniana. Akhenaton não oferecia quaisquer recursos religiosos para transpor os possíveis obstáculos intrínsecos à condição humana. As angústias, perdas e dificuldades eram ignoradas solenemente. A noite era o momento mais ameaçador que a humanidade poderia enfrentar, pois a luminosidade que dotava o mundo com vida, estava, passageiramente, ausente.

A omissão do universo funerário é um elemento que chama atenção no Grande Hino e isto talvez tenha sido determinante para o malogro da reforma amarniana. Considerando o peso que as crenças mortuárias tinham dentro do vasto universo religioso egípcio, ao menos em parte, esta afirmação procede. Com exceção do rei e da classe sacerdotal, a maioria esmagadora da população tinha acesso restrito ao culto oficial, mas, em contrapartida, estava muito mais próxima aos mortos e aos ritos funerários, necessários para desfrutar um almejado destino *post mortem*.

Deste modo, é difícil acreditar que, mesmo aqueles próximos ao poder central, tenham ficado satisfeitos com a nova versão da vida após a morte, desmistificada e drasticamente reduzida a *este mundo*.

Apesar de todo universalismo e benevolência divinos, estes tiveram um impacto bastante restrito em termos sociais. Ao que tudo indica, a religião amarniana, ao excluir a preocupação com o sofrimento humano, tornava-se bastante exclusiva e elitista. A aceitação dos preceitos atonistas parece ter sido muito pouco sólida, mesmo pelo grupo dominante leal ao faraó.

A morte de Akhenaton representou o fim do interlúdio amarniano e suas ideias não tiveram continuidade. A partir de então, todo o caos omitido pelo reformador, paradoxalmente, voltou-se contra ele: as dinastias seguintes descrevem o período como a instalação da desordem no Egito, o que provocou a destruição impiedosa da cidade de Akhetaten e a obliteração do nome real de todos os monumentos e inscrições pelos faraós que sucederam o episódio amarniano.



Parafrazeando John Baines, *na maior parte das sociedades, a religião resiste a transformações tão rápidas e redutivas quanto as que ele tentou fazer, e o Egito não foi uma exceção a essa regra* (BAINES, 2002, 234).

BIBLIOGRAFIA UTILIZADA

ALDRED, Cyril. *Akhenaten King of Egypt*. London: Thames & Hudson, 1988.

ALLEN, James P. “The Religion of Amarna”. In: *The Royal Woman of Amarna. Images of Beauty from Ancient Egypt*. New York: The Metropolitan Museum of Art, 1996.

ARAÚJO, Emanuel. *Escrito para a eternidade: A literatura no Egito faraônico*. Brasília – São Paulo: Editora da Universidade de Brasília: Imprensa Oficial do Estado, 2000.

ARNOLD, Dorothea. “Aspects of the Royal Female Image During the Amarna Period”. In: *The Royal Woman of Amarna. Images of Beauty from Ancient Egypt*. New York: The Metropolitan Museum of Art, 1996.

ASSMANN, Jan. “State and Religion”. In: SIMPSON, William Kelly (org). *Religion and Philosophy in Ancient Egypt*. Yale University: Egyptological Studies 3, 1989.

_____. *The Search for God in Ancient Egypt*. Ithaca: Cornell University Press, 2001.

BAINES, Jonh. “Egyptian deities in context: multiplicity, unity, and the problem of change.” In: NEVLING Porter, Barbara (org.). *One god or many: Concepts of divinity in the ancient world*. New York: Transactions on the Casco Bay Assyriological Institute, 2000.

_____. “Sociedade, Moralidade e Práticas Religiosas”. In: SHAFER, Byron E. (org.). *As Religiões no Egito Antigo*. Deuses, mitos e rituais domésticos. São Paulo: Nova Alexandria, 2002, pp. 150-244.

CARDOSO, Ciro. “Uma reflexão sobre a importância da transcendência e dos mitos para as religiões a partir do episódio da reforma de Amarna, no antigo Egito.” *Plura-Revista de Estudos de Religião*, 2,1, 2011, p.3-24.

_____. “De Amarna aos Ramsés.” *Phoênix/UFRJ*. Ano VII, 2001.

_____. “Gênero e Androginia em Amarna (século XIV a.C.)” *Vida, Cotidiano e Morte: estudos sobre o Oriente Antigo e a Idade Média*. Organizadoras: Margaret Bakos; Eliana Ávila Silveira. Porto Alegre: Letra & Vida, 2012.



GOHARY, Jocelyn. *Akhenaten's Sed-Festival at Karnak*. London: Kegan Paul International, 1992.

GRANDET, Pierre. *Hymnes de la religion d'Aton*. Paris: Seuil, 1995.

HORNUNG, Erik. *Akhenaten and the Religion of Light*. New York: Cornell University Press, 1999.

KEMP, Barry J. *Ancient Egypt. Anatomy of a civilization*. London-New York: Routledge, 1989.

MURNANE, William J. *Texts from the Amarna Period*. Atlanta: Scholars Press, 1995.

REDFORD, Donald B. *Akhenaten the heretic king*. New Jersey: Princeton University Press, 1984.

_____. "The Sun Disc in Akhenaten's Program: Its Worship and Antecedents I." *Journal of the American Research Center in Egypt*. 13, 1976.

SILVERMAN, David. "O divino e as divindades no antigo Egito." In: SHAFER, Byron E. (org.). Op. cit., pp.21-107.

_____. "The Spoken and Written Word." In: FREED, Rita E. *Pharaohs of the sun: Akhenaten, Nefertiti, Tutankhamen*. Boston-New York: Museum of Fine Arts-Bulfinch Press-Little, Brown and Company, 2001. pp.151-155.

STEVENS, Anna. *Private Religion at Amarna: the material evidence*. BAR International Series 1587. Oxford: Archaeopress, 2006.

VERGNIEUX, Robert e GONDRAN, Michel. *Aménophis IV et les pierres du soleil: Akhéaton retrouvé*. Paris: Arthaud, 1997.